

LITERATURA COMO ESQUIZOFRENIA: O PROBLEMA DA SUBMISSÃO DA OBRA LITERÁRIA AO FORMATO EDIPIANO¹

*LITERATURE AS SCHIZOPHRENIA: THE PROBLEM OF THE SUBMISSION OF
THE LITERARY WORK TO THE OEDIPAL FORMAT*

*LA LITERATURA COMO ESQUIZOFRENIA: EL PROBLEMA DEL
SOMETIMIENTO DE LA OBRA LITERARIA AL FORMATO EDÍPICO*

Paulo Silas Taporosky Filho²

ÁREA DO DIREITO: teoria do direito; filosofia do direito.

Resumo

O trabalho objetiva abordar a crítica contra a edipianização formulada por Deleuze e Guattari em sua famosa obra "O Anti-Édipo", fenômeno esse que teria sido estabelecido a partir de um engessamento da psicanálise que surgiu em um contexto libertador, mas que acabou estagnando os processos do inconsciente mediante a imposição do complexo de Édipo que a tudo seroia aplicável e explicado a partir desse conceito. Para tanto, trabalha-se com a literatura no sentido de observar a forma pela qual esse campo das artes foi tomado pelo formato edipiano, uma vez que é um dos campos expostos na crítica de Deleuze e Guattari. O problema de pesquisa pode ser apontado pela seguinte indagação: o formato edipiano se aplica a toda e qualquer obra literária quando de sua análise? A hipótese, que encontra guarida na conclusão, é no sentido que a análise literária via psicanálise a partir do forma edipiano é uma das possíveis, não podendo se afirmar que sempre será possível fazer uma leitura edipiana de toda e qualquer obra literária. A metodologia empregada é a exploratória de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Complexo de Édipo. Literatura. Edipianização.

Abstract

This paper aims to address the criticism against Oedipalization formulated by Deleuze and Guattari in their famous work "The Anti-Oedipus", a phenomenon that would have been established from a

¹ Recebido em 03 de dezembro de 2022. Aceito para publicação em 08 de dezembro de 2022.

² Mestre em Direito do Estado pela Uninter. Professor no Centro Universitário Internacional e na Universidade do Contestado.

plastering of psychoanalysis that arose in a liberating context, but ended up stagnating the processes of the unconscious through the imposition of the Oedipus complex that would be applicable to everything and explained by this concept. To this end, we work with literature in order to observe the way in which this field of the arts was taken by the Oedipal format, since it is one of the fields exposed in Deleuze and Guattari's criticism. The research problem may be indicated by the following question: does the oedipal format apply to each and every literary work when it is analyzed? The hypothesis, which is supported in the conclusion, is that literary analysis via psychoanalysis based on the Oedipal form is one of the possible ones, but it cannot be said that it will always be possible to make an Oedipal reading of each and every literary work. The methodology used is an exploratory literature review.

Keywords: Oedipus complex. Literature. Oedipianization.

Resumen

Este trabajo pretende abordar la crítica contra la edipalización formulada por Deleuze y Guattari en su célebre obra "El antiedipo", fenómeno que se habría establecido a partir de un enlucido del psicoanálisis que surgió en un contexto liberador, pero que terminó por estancar los procesos del inconsciente a través de la imposición del complejo de Edipo que a todo sería aplicable y explicado desde este concepto. Para ello, trabajamos con la literatura para observar la forma en que este campo de las artes fue tomado por el formato edípico, ya que es uno de los campos expuestos en la crítica de Deleuze y Guattari. El problema de investigación puede indicarse con la siguiente pregunta: ¿se aplica el formato edípico a todas y cada una de las obras literarias cuando se analizan? La hipótesis, que se apoya en la conclusión, es que el análisis literario a través del psicoanálisis basado en el formato edípico es uno de los posibles, pero no se puede decir que siempre será posible hacer una lectura edípica de todas y cada una de las obras literarias. La metodología empleada es la revisión exploratoria de la literatura.

Palabras clave: Complejo de Edipo. Literatura. Edipalización..

SUMÁRIO: 1. Breve introito; 2. (Des)edipianizar a literatura; 3. Conclusão que não conclui; Referências bibliográficas.

SUMMARY: 1. Brief introduction; 2. (De)edipianizing the literature; 3. Conclusion that does not conclude; References.

SUMARIO: 1. Breve introducción; 2. (Des)edificación de la literatura; 3. Conclusión que no concluye; Referencias bibliográficas.

1. Breve introito

Não há como fugir daquilo que é cartesiano em seu âmago. O berço que constitui a ciência surge exigindo o rigor metódico de exposição de um pensamento ordeiro, concatenado. Somente há ciência quando há método. Disso ficam rastros que alcançam inclusive aquilo que veio antes, passando por uma ascensão vertiginosa que não conseguiu ser freada nem mesmo com a crítica de Nietzsche contra o dogma da ciência, galgando patamares que atualmente determinam e priorizam a forma qualquer seja o conteúdo. Basta fazer com que a coisa encaixe no modelo pré-formatado, independente daquilo que seja ou represente o seu interior.

Exigências que surgem determinando números, cumprimento de metas, atendimento a protocolos, repercutindo muitas vezes em resultados insossos, produtos que são apenas casca, exterior aparente com interior permeado por rachaduras e de base não muita sólida ao considerar o terreno arenoso no qual inutilmente busca se firmar.

Por mais que no caos haja um certo tipo de ordem, exige-se do produto (que na realidade é processo, mas na superfície dificilmente é assim compreendido) a compreensão mínima que pode ser estabelecida pelo rito da tríade do início-meio-fim (semelhança com a trindade do Édipo que aqui surgiu de maneira intencional ou mero acaso resultante das forças do inconsciente?).

Curva-se a esse modelo, tanto por fazer um necessário sentido no que diz respeito a ideia de coesão e coerência (e aqui se busca minimamente ser compreendido) quanto pela adequação ser necessária diante do contexto em que esse texto é criado.

Assim, buscando propor uma reflexão a partir da fala de Deleuze e Guattari na parte que dizem que “a literatura é exatamente como a esquizofrenia” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:180), pois processo e produção, questiona-se o problema da submissão da obra literária ao formato edipiano tanto em sua constituição quanto em sua análise interpretativa.

2. (Des)edipianizar a literatura

O Édipo pode ser compreendido como a própria psicanálise, pois é o que a estrutura a define em determinado sentido. Nesse sentido, a afirmativa de Nasio ao registrar que o Édipo “é a própria psicanálise, uma vez que o conjunto dos sentimentos que a criança experimenta durante essa experiência sexual que chamamos de

complexo de Édipo é, para nós psicanalistas, o modelo que utilizamos para pensar o adulto que somos” (NASIO, 2007:12-13).

A crítica presente em “O Anti-Édipo” vai justamente contra essa estruturação, desmantelando o culto ao Édipo como fator sempre presente e reinante em nível particular e geral, uma vez que para os autores desse livro máquina, o Édipo engessa toda a produção desejante do inconsciente, assegurando ainda sua conversão nesse sentido. A tríade que forma a base edipiana (papai, mamãe e filhinho – uma estrutura familiar) acarretaria em uma constante-imóvel que busca estabilizar a tudo e todos, sempre se valendo de uma mesma fórmula prévia que de forma ou outra se encaixa naquilo que é analisado. A grande resposta está dada antes mesmo de qualquer pergunta, pois no final tudo acaba dizendo respeito ao Édipo.

É por assim ser que Deleuze e Guattari vão dizer que o Édipo é a metafísica da psicanálise, fazendo-se necessária uma revolução materialista em sentido crítico com o fim de denunciar o “uso ilegítimo das sínteses do inconsciente tal como aparece na psicanálise edipiana, de modo a recobrar um inconsciente transcendental *definido* pela imanência dos seus critérios” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:104). Não refutam, portanto, a descoberta ou a existência do inconsciente, nem de muito que a psicanálise freudiana e lacaniana erigiu ao longo de seus anos de existência. Há o âmago, há o cerne, há o ponto primordial, mas ele não é (ou não deveria ser) ocupado unicamente pelo Édipo.

O problema estaria no fato de que o inconsciente foi edipianizado pela psicanálise, passando a ser a partir de então tudo resumido ao grande conflito familiar de base. É para o Édipo que tudo é levado, a conclusão sempre está ali, a epifania surge apenas quando ele é interpretado, encontrado e compreendido. O Édipo figuraria assim como uma Pedra de Roseta que precisa ser decifrada a partir de si própria. Tautológico, circular, um moto-contínuo que constrói e define o seu próprio Eterno Retorno. Tudo é Édipo, edipianizando a todos.

Esse modo de operar da edipianização acabaria por estagnar a própria produção do desejo, não sendo esse constituído por uma falta primordial no entendimento de Deleuze e Guattari. Assim, “edipianizar significa reprimir a produção das máquinas desejantes e isso ocorre com base nos usos transcendententes das sínteses que compõe essas máquinas” (FREITAS, 2015:55-56).

Se essa operação, a da edipianização, busca alcançar (e alcança) a tudo e a todos, a literatura estaria também situada em território no qual os braços e os ouvidos de Édipo conseguem chegar, uma vez que pela impossibilidade de enxergar lhe resta

o tato e a audição como sentidos que permitem se aproximar daquilo que pretende incluir em sua categorização. Tanto é assim que diversas são as abordagens literárias existentes nesse âmbito em que a análise é procedida pelo viés psicanalítico: lê-se a obra literária buscando os recônditos em que o inconsciente se manifesta ao seu próprio modo.

Seria então a literatura também edipianizada? Submeter a obra literária ao formato edipiano seria uma dentre tantas leituras possíveis ou representaria mais uma constatação certa que confirmaria o aparecimento do inconsciente via sublimação (ou outro meio) nas linhas que a compõem? Isso significa dizer que essa submissão é sempre possível por ser sempre o autor edipianizado? No final da história sempre estará o Édipo?

Ao analisar a obra “*Gradiva*”, de Jensen, Freud realiza uma leitura psicanalítica daquilo que ali é narrado, demonstrando que enquanto o psicanalista realiza uma análise consciente da psique das pessoas dentro das vicissitudes que compõem esse elemento que constitui o sujeito a fim de descobrir e enunciar as leis dos processos psíquicos, o romancista faz a mesma coisa, mas de modo diverso, pois voltaria a atenção em sua própria psique para o inconsciente de modo a perceber o seu desenvolvimento possível, traduzindo-o pela expressão artística ao invés de reprimi-lo.

Assim, as leis que regulariam a atividade do inconsciente seriam as mesmas independente de por qual abordagem se chegasse até elas: aprendendo-as com os outros na prática psicanalítica ou sabendo a partir de si na escrita ficcional. Confirmada estaria assim, por esse viés artístico, a regência universal das leis do inconsciente desenhadas pela psicanálise freudiana.

Ao final dessa abordagem proposta relacionando psicanálise e literatura, Freud conta que Jensen foi indagado certa vez sobre o que teria o levado a criar os sonhos narrados em “*Gradiva*”, no sentido de definir se a base científica utilizada pelo romancista era semelhante à daquele que o questionou nesse sentido, o que foi respondido de forma negativa, pois “sua fantasia lhe havia inspirado a *Gradiva*”.

Percebe-se aqui uma espécie de rejeição do autor da obra sobre o significado da motivação de sua criação artística apontado pela psicanálise, pois sequer conhecia essa proposta de leitura dos sonhos (e do mundo). Mesmo assim, Freud defende que ambos – literatura e psicanálise – dizem algo sobre a mesma coisa, pois regidos pelas leis da estrutura do inconsciente que a todos alcança:

Achamos que o autor não precisa saber de tais regras e intenções, de maneira que pode rejeitá-las de boa-fé, e que nós, porém, não encontramos em sua obra nada que não esteja contido nela. Provavelmente bebemos da mesma fonte, trabalhamos o mesmo objeto, cada um com outro método, e a coincidência do resultado parece garantir que ambos trabalharam corretamente (FREUD, 2015:117).

Essa conclusão pode então servir como pressuposto para a análise de qualquer obra literária, submetendo assim a literatura em geral ao formato edipiano? Se a psicanálise é o Édipo em sua base freudiana (como mito fundador que explica a constituição do desejo e a relação do sujeito com a falta diante da impossibilidade de satisfação plena desse) e lacaniana (enquanto estrutura em sua teoria dos três tempos do Édipo), qualquer escrito literário estaria fadado a ser desvendado e compreendido através de uma leitura edipiana de seu conteúdo?

A impossibilidade em se responder afirmativamente a esses questionamentos encontra guarida na crítica de Deleuze e Guattari, pois a submissão da obra literária unicamente ao formato edipiano acaba por constituir um certo aprisionamento que amarra os sentidos possíveis inerentes do ato interpretativo. Não que seja uma via inadequada, pois seus fundamentos não são negados uma vez que de fato existe “uma sexualidade edipiana, uma heterossexualidade e uma homossexualidade edipianas, uma castração edipiana – e objetos completos, imagens globais, eus específicos” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:103).

O que negam Deleuze e Guattari é que o Édipo seja uma produção do inconsciente, tratando-se assim a edipianização de uma forma de estagnação que se estabelece por essas leis transcendentais. Daí que a leitura psicanalítica da obra literária via Édipo é *uma dentre outras possíveis*, e não *a única*, já que a literatura é processo, é produção, não se tratando de meta ou expressão.

Basta se ter em mente o fato de que são diversas e variadas as escolas literárias, os períodos e contextos de formação da literatura, os estilos de se escrever o texto literário. A própria definição da literatura é bastante dificultosa, dependendo-se de aspectos temporais e contextuais para que seja possível qualquer tentativa de uma aproximação conceitual. Daí a pluralidade das vias interpretativas como consequência desse fenômeno literário.

O que dizer de “Catatau”, clássica obra de Paulo Leminski, ao considerar o seu formato e estilo adotado na escrita que não se inserem em qualquer formato minimamente previsto, ordenado, lógico?

Ivan da Costa definiu “Catatau” como delírio (termo esse que é um tema caro para a psicanálise...), mas com rigor – pontuando ainda que a função do escritor não

seria a de criar boas histórias ou providenciar “nuanças simbólicas no jogo poético das palavras”, mas sim a de propiciar o experimento com a linguagem, pois é a partir disso que se estabelecem instrumentos de percepções, ampliando-se assim a visão real que o leitor possui do mundo, de modo que “a experiência, a investigação ajudam a restabelecer a verdade onde ela não existe” (COSTA, 2010:234).

É nesse sentido que o engessamento literário não se faz possível no sentido de argumentar que a literatura estaria sempre sujeita a submissão ao formato edipiano. Essa é uma possibilidade e ao mesmo perspectiva válida, pois possível forma de abordagem. Isso porque:

Ao considerar que presentes estão numa obra literária a externalização, por escrito, dos anseios, das emoções, dos conflitos tantos, internos das personagens que compõem determinada história ficcional, tem-se aí um campo vasto e possível para que a psicanálise estabeleça o seu olhar clínico demonstrando algumas de suas possibilidades de abordagens – por exemplo ao “tratar” clinicamente um personagem literário ao considerar toda a sua constituição enquanto sujeito, mesmo que ficcional, que se encontra registrada na obra (SILAS FILHO, 2021:166).

Ao mesmo tempo em que o estilo ‘fluxo de consciência’ na literatura permite uma maior liberdade para que o inconsciente ali surja e possa ser captado no texto para que seja interpretado e analisado, um romance clássico em um formato concatenado e lógico pode fornecer os mesmos elementos que permitem esse tipo de leitura que é uma dentre tantas possíveis.

Mas é preciso considerar suas nuances, os pontos em que divergem em determinado sentido cada estilo, cada corrente, cada forma literária, tratando-se de problemática a hipótese de que toda e qualquer obra estaria abrangida pelo Édipo em sua constituição. Vale ainda aqui o registro sobre a obra de que “essa expressão, ela mesma veio a soar como uma tautologia e a <<obra>> pode designar, absolutamente, o produto ou o conjunto de produtos da atividade de um artista” (NANCY, 2016:95).

Deleuze e Guattari ilustram essa questão com um exemplo concreto sobre uma análise edipiana apressada e equivocada que se estabeleceu sobre a obra de Proust, tendo sido esse escritor “o primeiro a desmentir toda interpretação edipianizante de suas próprias interpretações” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:97). O grande artista está assim para além dos muros (igualmente grandes) erigidos pelo Édipo.

Por mais assim se faça presente a crítica constante em “O Anti-Édipo”, devido o registro de que:

Seria injusto com a obra freudiana não salientar sua constante revisão. Sabemos que, na obra freudiana, existe a todo momento um Freud contra Freud. Esta relação tensa do autor com a sua própria obra levará, por

exemplo, às múltiplas escolas psicanalíticas. Deste modo, podemos compreender a obra freudiana como um rizoma que gerou ainda mais aberturas. A obra freudiana nos leva tanto para arcaísmos quanto para elementos mais progressivos. Este efeito se dá, sobretudo, porque Freud produziu grandes cartografias (LEOPOLDO, 2017:np).

Se assim realmente é, a obra de Deleuze e Guattari poderia ser lida como a busca pela superação de uma dessas grandes cartografias da obra freudiana.

A literatura constitui um fenômeno próprio na sociedade, sendo uma das formas de manifestação e expressão artística que pode ser compreendida também como um modo de leitura e interpretação do mundo. Nessa seara, “as ideias de Deleuze & Guattari são bastante relevantes para se pensar a literatura a partir de um viés social, do papel do artista na sociedade” (SCANDOLARA, 2014:np).

Por possibilitar ser pensada por esse viés e exercendo o escritor um dado papel, a literatura vai para muito além do objeto personificado pelo livro, não constituindo mero produto, sendo assim processo que se mantém em plena constância e atividade como resultado do fenômeno desejante.

Representação concreta enquanto estado tangível que constitui o registro da literatura em uma unidade, a obra literária tem em si o conteúdo que é e ao mesmo tempo permite esse processo. Por assim ser, “Gilles Deleuze e Félix Guattari têm uma instigante compreensão do que são os livros - e suas possíveis implicações com o social. Ambos entendem o livro como uma máquina, uma maquinaria literária” (LEOPOLDO, 2017:np). É o livro, portanto, exemplo concreto de algo que se constitui por fora, funcionando como espécie de ferramenta no melhor sentido foucaultiano.

Sabe-se que “a leitura/interpretação textual “parcialmente” é de ordem subjetiva, não envolve uma única possibilidade de interpretação e ponto de vista, mas várias possibilidades interpretativas que deverão ser condizentes com o sentido geral” (QUADROS, JOVINO E KASSANDRA, 2020:178).

Isso se dá para com a literatura no sentido de poder se atribuir sentidos diversos possíveis para uma mesma obra literária. Vide o eterno debate sobre a suposta traição de Capitu em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, a título de exemplo: diversas perspectivas interpretativas da obra machadiana são possíveis e permitidas, reconhecendo-as como igualmente válidas e com fundamento mesmo quando as formas de leituras e suas conclusões divergem por completo.

Barthes arrematou a mais ampla abertura interpretativa nesse sentido ao estabelecer a morte do autor. É por isso que esse processo interpretativo literário não se resume a algo único, ao uno. Ao mesmo tempo, “isso não quer dizer que, [...] toda e qualquer tipo de interpretação é aceitável para um texto. Toda leitura e interpretação

deve ser autorizada pelo texto” (QUADROS, JOVINO E KASSANDRA, 2020:178). Há sempre um tipo de limite intransponível que impede que uma maçã seja compreendida como fosse um abacaxi, limite esse que pode barrar o próprio Édipo como fonte ou base de constituição e análise literária, pois justamente por ser esquizofrênica a literatura é que descartada estaria por vezes a submissão da obra ao formato edipiano.

Tem-se assim em “O Anti-Édipo” “o uso da literatura como intercessora ao pensamento filosófico” (FREITAS, 2015:67), sendo apontados nessa obra alguns investimentos tanto revolucionários quanto repressores no âmbito da literatura. Vão dizer Deleuze e Guattari que “o problema da literatura é mal colocado quando pensado a partir da ideologia de que ela é portadora ou de sua recuperação por uma ordem social” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:180), pois o que se recupera são as pessoas e não as obras literárias.

A atenção de Deleuze e Guattari vai se voltar anos depois da publicação de “O Anti-Édipo” para a produção literária de Kafka, culminando em mais um lançamento conjunto, tendo então o campo da literatura como enfoque de abordagem. Menciona-se tal fato por constituir Kafka um dos grandes nomes representantes do modernismo na literatura, cuja escrita supera o campo literário ao permitir uma compreensão moderna de mundo, sendo possível dizer que é preciso de Kafka para que se tenha uma compreensão mais adequada do século XX, não se entendendo esse período, sem Kafka, “a profunda desordenação que o acompanha, nem sua grande crise: a provavelmente maior crise civilizatória da história da humanidade ocidental. Sem Kafka, todo um espectro de novidade permanece na obscuridade da má compreensão” (SOUZA, 2018:161).

A literatura é estabelecida e dividida por fases, escolas, correntes, períodos que alternam com o passar do tempo. A literatura de Kafka é diferente da literatura de um autor do romantismo como Goethe. Mesmo em períodos idênticos, obras literárias de diferentes autores podem representar tipos completamente distintos de literatura. Em alguns casos isso pode acontecer dentro da produção literária de um mesmo escritor. Talvez já em razão dessa constatação (mas não apenas) possa se reconhecer a afirmativa de Deleuze e Guattari no sentido de ser a literatura como esquizofrenia, visto que “a edipianização é ainda um dos fatores mais importantes na redução da literatura a um objeto de consumo em conformidade com a ordem estabelecida, e objeto incapaz de fazer mal a quem quer que seja” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:180).

No realismo, movimento estético que surgiu no século XIX, “a obra literária passou a assumir compromissos sociais, demandar transformações e propor o ativismo social. A arte deixou de ser ornamento e passou a ser combativa” (FABRINO, 2017:230). Lançou-se então um olhar mais realista sobre as relações humanas, mais objetivo sobre a existência, mais nu em contraposição as idealizações próprias do romantismo. Assim, “o realismo expôs as contradições do modo de vida capitalista e apresentou suas críticas a esse sistema que se impõe de forma cruel sobre as classes desprivilegiadas, escancarando suas mazelas” (FABRINO, 2017:230). São autores dessa corrente literária nomes como Flaubert, Zola, Balzac, Dickens e Dostoiévski, possuindo cada qual sua própria singularidade que define a relação autor-obra para além de categorias condicionantes prévias.

Já no modernismo, corrente literária surgida no início do século XX, tem-se que “os escritores dessa época negavam e evitavam os tipos formais e tradicionais. Foi um momento de revolução e busca de novos caminhos e novos formatos literários” (FABRINO, 2017:254), o que pode se constatar pela leitura de escritores que compõem esse recorte literário como Kafka, Proust, Neruda e Hemingway.

Não há barreira limítrofe que condiciona a última morada da literatura, de modo que há algo além e após a queda das certezas estabelecida pela modernidade. Pós-modernidade? Modernidade líquida? Seja qual for a base ou nomenclatura adotada, fato é que “na contemporaneidade, o ser humano torna-se absurdamente complexo: é mística, racional, sentimental, experimental e virtual” (FABRINO, 2017:285). Isso vai refletir no âmbito literário, podendo se falar em uma literatura contemporânea que se divide em vários nichos, várias formas, vários estilos, passando por vezes de forma certa pelo processo edipiano e por outras de forma bastante distante.

Assim, na literatura dita contemporânea, “a preocupação com a linguagem e a possibilidade de explorar novos efeitos fizeram com que a literatura mudasse o foco do interesse, trocando as relações entre o homem e o mundo por uma crítica à natureza da própria ficção” (FABRINO, 2017:305). Seria então possível uma literatura que questiona ou coloca em xeque o próprio Édipo, estabelecendo uma crítica pelo campo da escrita ficcional a submissão da obra literária ao formato edipiano?

Segundo Lukács, “para o romance do século XIX, o outro tipo de relação necessariamente inadequada entre alma e realidade tornou-se mais importante: a inadequação que nasce do fato de a alma ser mais ampla e mais vasta que os destinos que a vida lhe é capaz de oferecer” (LUKÁCS, 2009:117). Perspectiva possível e situada em um recorte específico da história da literatura, verificando-se aí uma

irresignação contra o condicionamento de um único caminho possível, pois o que constitui o homem em sua subjetividade estaria para muito além do que a vida lhe reserva ou lhe destina.

Por mais que a psicanálise busque de alguma forma fornecer os elementos que autorizam ou pelo menos explicam a razão dessa irresignação, ou até mesmo as condições para o ultrapassar desses destinos que a vida oferece, o julgo da obra por esse viés acaba a inscrevendo entre os dois polos do Édipo: “um polo regressivo, sob o qual ela mistura e redistribui os conflitos não resolvidos da infância; e um polo prospectivo, pela qual ela inventa as vias de uma nova solução concernente ao futuro do homem” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:180). Ao que parece, de todo modo, o que se tem como consequência é a substituição de um destino que se busca fugir (aquele que a vida é capaz de oferecer, como apontou Lukács) por outro que acaba se chegando (o que remete ao Édipo). Destino predeterminado de qualquer maneira.

Necessário mencionar também que a obra literária assim se faz mediante diferentes formas. Há o romance, há a novela, há o conto, há a crônica, enfim, há diferentes tipos literários – tidos como *gêneros* - para além do âmbito do período em que se situam.

Dentre todos esses, o romance seria “o único gênero que, ao narrar uma história, diz simultaneamente também *como* o faz. Passo a passo, a sutura de sentido que une os fragmentos num todo coeso é ela mesma ingrediente ficcional” (MACEDO, 2009:222). A dinâmica artística é então percebida pelo aspecto central da narrativa, sendo assim possível identificar o procedimento de sua própria criação. Daí que, por ser narrado dessa forma particular, desperta o interesse da leitura psicanalítica, pois ato de fala. Aqui no romance haveria dois tipos de realismo que podem assim ser compreendidos em um olhar barthesiano: “o primeiro decifra o “real” (o que se demonstra mas não vê) e o segundo diz a “realidade” (o que se vê mas não se demonstra); o romance, que pode misturar esses dois realismos, junta ao inteligível do “real” a cauda fantasmática da “realidade”” (BARTHES, 2015:56).

Para os autores de “O Anti-Édipo”, “o funcionamento da obra literária se dá na mesma perspectiva de outros fenômenos da cultura, por isso a abordagem rizomática aplica-se também à produção literária” (OLIVEIRA, 2020:129). Buscando então avançar para além dos ditames estruturais nos quais parece estar situado o Édipo, a perspectiva pós-estruturalista fornece como ponto central o fato de que “não há um roteiro prévio sobre o que considerar relevante no texto. O movimento de leitura e da análise se apresenta mais como experimentação do que propriamente como

interpretação” (OLIVEIRA, 2020:131). Por isso a leitura edipianizadora estaria para alguém desse efetivo funcionamento da obra literária, pois o roteiro edipiano já está previamente dado, pelo que “Édipo é literário antes de ser psicanalítico” (DELEUZE E GUATTARI, 2011:181).

A crítica realizada nesse âmbito não parece levar ao desprezo qualquer análise literária feita a partir de certas figuras preestabelecidas, o que se dá não apenas na psicanálise, mas também é visto de forma profícua na psicologia analítica, cujo precursor chega a ser mencionado algumas vezes no decorrer de “O Anti-Édipo”.

Assim, “não se deve subestimar o que foi conseguido pela psicologia analítica e pela crítica mitológico-ritualística em termos de descrição e explicação de certos arquétipos [...] que constituem um certo fundo emissor da linguagem literária” (MELETÍSNKI, 2019:27), dizendo-se o mesmo com relação a interpretação edipiana, sendo, portanto, “preciso lembrar da falha básica dessas orientações que redundam no reducionismo biopsicológico e ritualístico das fontes e da própria essência das imagens e temas da literatura, à vida interior do espírito [...] ou a ritos” (MELETÍSNKI, 2019:27).

3. Conclusão que não conclui

A respeito da leitura possível (esquizofrênica) sobre a literatura em Deleuze e Guattari, tem-se que, “na produção literária, o corpo sem órgãos é resultado de um agenciamento de linguagem que se liberta de noção de imitação e funciona, ele mesmo, como um corpo que desorganizou as referências” (OLIVEIRA, 2020:127). Isso ocorre e é possível pelo fato de que rizoma não faz simulacros, não mimetiza, não reproduz, antes, o rizoma cria, uma vez que o rizoma funciona como “um roteiro para o pensamento livre”, cujo pensar deve ser um “pensar sem início, sem fim; sem apelo a fundamentos ou princípios” (OLIVEIRA, 2020:126-127).

Residiria aí todo um potencial não barrado pelo pai, pela castração, pelo corte, sendo efetivamente propulsionado por um inconsciente não condicionado pelo Édipo, livre em sua plenitude fundacional cuja escrita ficcional resultante de uma manifestação artística permitida não seria somente aquela do neurótico cuja sublimação é útil, portanto, vista como um fim, mas toda e qualquer própria de um ato da produção em que se situa, assim como a esquizofrenia, que seria lida, aproveitada e compreendida sem qualquer espécie de deletério.

Concluindo, David Lodge vai dizer que “o romancista ou o contista nos *convence* a partilhar uma determinada visão de mundo pela duração da nossa leitura

e assim opera, se tudo der certo, a deliciosa imersão em uma realidade imaginada” (LODGE, 2020:13). A literatura funciona e promove algo para muito além do deleite que também é inerente de sua constituição.

Para que possa ser efetivamente aproveitada, há de se estabelecer o acordo ficcional do qual falou Umberto Eco, trata esse que é realizado entre o autor e o leitor. Vale mencionar que Stephen King pontua como sendo a função primária da literatura “dizer a verdade sobre nós mesmos, contando mentiras sobre pessoas que nunca existiram” (KING, 2012:354-355. Essa fusão entre verdade e mentira abrange também o formato edipiano que a muito alcança, mas seus braços não dão conta de abraçar o mundo todo. Parece que não são todas as leituras de mundo possíveis que remetem necessariamente ao Édipo. Há um espaço também existente que é preenchido por algo a mais, algo além, algo outro.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015
- COSTA, Ivan da. A literatura destronada (a literatura reconstruída). In: LEMISNKI, Paulo. *Catatau: um romance-ideia*. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FABRINO, Ana Maria Junqueira. *História da Literatura Universal*. 2ª Ed. Curitiba: InterSaberes, 2017.
- FREITAS, Flávio Luiz de Castro. Continuidades e rupturas nos mecanismos de edipianização: uma leitura de O Anti-Édipo e Kafka: por uma literatura menor. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*. v. 8, n. 3, p. 50-68, 3º quadrimestre de 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26830/14916>. Acesso em: 27/08/2022.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas, volume 8: O delírio e os sonho na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KING, Stephen. *Dança Macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LEOPOLDO, Rafael. Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 293-303, ago. 2017. Disponível

em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27/08/2022.

LODGE, David. *A Arte da Ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

MACEDO, José Marcos Mariani de. Posfácio do tradutor. In: LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

MELETÍNSKI, Eleazar Moiseevich. *Os Arquétipos Literários*. 3ª Ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2019

NANCY, Jean-Luc. *Demanda: literatura e filosofia*. Florianópolis: UFSC; Chapecó: Argos, 2016.

NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ine da Silva; MUNIZ, Kassandra da Silva. *Introdução à Análise do Discurso: perspectivas teórico-práticas*. Curitiba: InterSaberes, 2020.

SCANDOLARA, Adriano. Esquizofrenia & literatura, segundo Deleuze & Guattari. *Escamandro*. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2014/11/24/esquizofrenia-literatura-segundo-deleuze-guattari/>. Acesso em: 27/08/2022.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do Escrever: Kafka, Derrida e literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SILAS FILHO, Paulo. Por abordagens juspsicoliterárias. In: FERRAREZE FILHO, Paulo; SILAS FILHO, Paulo. *Psicanálise, Direito e (Des)Enlace Social*. Londrina: Thoth, 2021.